

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS-SESA  
FACULDADE AMADEUS-FAMA  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**GREICE KELY SANTOS SILVA**

**A LINGUAGEM ORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

ARACAJU-SE

2013.1

**GREICE KELY SANTOS SILVA**

**A LINGUAGEM ORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada à Sociedade de Ensino Superior Amadeus como requisito final para a obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Auxiliadora Santos.

ARACAJU-SE

2013.1

S5861

Silva, Greice Kely Santos

A linguagem oral na educação infantil / Greice Kely Santos

Silva. – Aracaju, 2013

44f.

Monografia (TCC em Pedagogia) – Faculdade Amadeus, Aracaju, 2013.

1. Pedagogia. 2. Educação infantil. 3. Linguagem oral. II. Título.

CDU 373.2

**A Deus, a meus pais, a meu namorado e aos meus amigos... Que me apoiaram em todos os momentos!**

**“Ensinar não é transferir conhecimento,  
mas criar possibilidades para a sua  
produção ou a sua construção.”**

**PAULO FREIRE**

**GREICE KELY SANTOS SILVA**

**A LINGUAGEM ORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Monografia apresentada à Sociedade de Ensino Superior Amadeus como requisito final para a obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.**

---

**Coordenador: Williams dos Santos**

---

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Auxiliadora Santos**

**Aprovada com média: \_\_\_\_\_**

**Aracaju (SE), \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013**

## RESUMO

O presente trabalho busca analisar como a linguagem oral é desenvolvida nas turmas de educação infantil. Por ser a primeira etapa sistematizada de ensino e aprendizagem à qual a criança tem acesso, compreende-se a necessidade do educador infantil desenvolver, nessa etapa da Educação Básica, estratégias de aprendizagem da criança, juntamente com o desenvolvimento da linguagem oral e da escrita. Portanto, esta pesquisa relata as reflexões quanto a Oralidade relacionando seu desempenho seguindo as orientações do Referencial Curricular Nacional para a educação Infantil, identificando procedimentos metodológicos necessários para um bom desempenho dessas ações. Além disso, através da teoria Bakhtiniana, com ênfase na linguagem como interação verbal, pudemos explorar o tema. Dessa forma, analisamos as práticas discursivas, incluindo elementos da análise do discurso de linha francesa para contribuir com nossa argumentação. A pesquisa baseia-se especificamente nas contribuições de estudiosos que consideram a linguagem como processo dialógico (Bakhtin, Benjamin e Schneuwly), servindo como núcleo da pesquisa, para a descoberta de inovações na prática pedagógica.

Palavras chave: Linguagem oral, educação infantil e interação verbal.

## **ABSTRACT**

This work is aimed at analyzing how verbal language is developed in groups of children's education. Being it the first teaching systematized phase a child has access to, it is believed that the infants' educator develop, over this basic educational phase, strategies which improve children's learning as well as their written and oral language development. So, this research reports reflections about orality relating its development according to the orientation given by National Curriculum Standards for children's education, identifying necessary methodological procedures for such actions better performance. Besides, through Bakthin's theory, emphasizing language as verbal interaction, it was possible to explore the research in details. Thus, discursive practices were analyzed, including elements from French speech analysis as to contribute to the discussion. The research is specifically based on contributions given by Bakthin, Benjamin and Schneuwly, being used as the research main objective in order to discover innovations in pedagogical practices.

Key words: Oral language, children's education and verbal interaction.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>Capítulo 1: Linguagem como Prática Social</b>	<b>11</b>
1.1. A Linguagem Oral e o seu Desenvolvimento	11
1.2. As Contribuições do RCNEI para a Linguagem Oral	11
1.3. A linguagem como processo dialógico segundo: Bakthin, Benjamin e Schneuwly	12
1.4. Entre a linguagem e a fala: O discurso	14
<b>Capítulo 2: Oralidade e Escrita no Contexto Escolar</b>	<b>15</b>
2.1. O Ensino da Oralidade no espaço escolar	15
2.2. A Diferença do Trabalho com a Oralidade e com a Escrita	16
2.3. Tipo Textual x Gênero Textual	17
<b>Capítulo 3: Sobre a Pesquisa</b>	<b>19</b>
3.1. Procedimentos Metodológicos	19
3.2. A Perspectiva Teórica Francesa	20
3.3. O PERCURSO: a rede de ensino, a escola e a sala de aula	21
3.3.1. Análise das entrevistas realizadas com as professoras	22
3.3.2. Análise das relações dialógicas	24
3.3.3. Análise os questionários aplicados	29
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>36</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>38</b>
Apêndice_ A	39
Apêndice_ B	41
Apêndice_ C	42
Apêndice_ D	43
Apêndice_ E	44

## INTRODUÇÃO

Para compreender a grandeza do trabalho a ser feito com Linguagem Oral nas escolas, é importante conhecer como as crianças aprendem a falar e a comunicar-se, e o incentivo dos adultos na influência da aquisição da linguagem, bem como na construção dos diversos discursos produzidos por elas. Ao contrário do que muitos pensam, aprendizagem de uma língua não é apenas um processo natural. Mesmo existindo um desenvolvimento orgânico do aparelho fonador, isso não é o suficiente. Para desenvolver a fala é preciso que a criança tenha um mediador que a ajude a trabalhar essa etapa. Esse desenvolvimento só é possível através da mediação de um adulto. É através da interpretação do adulto que a criança consegue desenvolver significados para a fala e deste modo, consegue manter a produção de diferentes discursos linguísticos.

A linguagem oral com suas variadas expressões, tanto formal como informal possibilita as crianças, desde muito cedo, antes mesmo de entrar na creche ou escola, demonstrar um grande interesse em compreender as práticas e as ações comunicativas dos adultos. É nesse ambiente de interação das crianças na mesma faixa etária com os profissionais dessa área, que elas enriquecem seu vocabulário, suas ações, gestos e comportamentos que servem para resolver os problemas decorrentes do dia-a-dia.

Essa ampliação do repertório falado pela criança, não se limita apenas à memorização e repetição de palavras e sons; existe na verdade uma aprendizagem articulada entre pensamento e ações, quando as crianças reproduzem. Podemos observar esses aspectos através da expressão dos atos, sentimentos, desejos e sensações. Quando a linguística é compreendida, a criança consegue desenvolver-se e aperfeiçoar-se.

Sabemos que a reconstrução oral das crianças pode ser realizada de várias formas e se torna um passo evolutivo para a apropriação da linguagem. A reconstrução de gêneros orais são fatores determinantes no processo de ampliação da oralidade nas crianças nesta fase inicial. Nesse sentido, os trabalhos com narrativas, contos e debates, servem para influenciar o desenvolvimento da oralidade das crianças e posteriormente garantir a compreensão de textos e de suas características.

Nesse contexto, iremos fazer uma análise sobre os métodos de atividades realizadas com crianças da educação infantil em sala de aula, utilizando as seguintes questões de pesquisa: Como se desenvolvem as interações verbais em sala de aula? Como é realizado o trabalho com a linguagem oral em classes de crianças de uma instituição de educação infantil? De que forma um bom desenvolvimento da oralidade pode ajudar uma criança da educação

infantil a ampliar suas habilidades linguísticas? De que modo a inserção na educação infantil pode contribuir para o desenvolvimento da oralidade?

É nessa perspectiva que surgiu o interesse em defender o trabalho com a linguagem oral nas escolas para comprovar que existe uma imensa variedade de usos, níveis formais e informais do desenvolvimento da língua falada e escrita e que essas técnicas podem ser aprimoradas e utilizadas no processo de ensino-aprendizagem. O interesse em investigar como o desenvolvimento da Linguagem Oral pode ser trabalhado em sala de aula surgiu da inquietude a respeito de como a escola pode estimular o desenvolvimento linguístico da criança de 04 a 05 anos, ao trabalhar com atividades que estimulem o desenvolvimento da linguística.

A elaboração desse projeto surgiu da necessidade de compartilhar com os profissionais de educação, atividades de linguagem oral que possam ser desenvolvidas na Educação Infantil. Por ser a primeira etapa sistematizada de ensino e aprendizagem à qual a criança tem acesso, compreende-se a necessidade do educador infantil desenvolver estratégias de trabalho com a linguagem oral de aprendizagem da criança, juntamente com a escrita.

A ação do professor de educação infantil para com comunicação oral é responsável por incluir o indivíduo na realidade humana, ao oferecer-lhe conforto, sistematização das atividades realizadas, contato com o nome e a função dos objetos, mediante o conhecimento da linguagem oral. Enfim, nesse processo, o professor apresenta e conseqüentemente inclui a criança à cultura humana, buscando desenvolver interações em sala de aula através de trabalhos que estimulem as variações linguísticas, para ampliar as habilidades das mesmas.

Nesse sentido, a escola é uma instituição que tem o compromisso de propiciar condições para ampliar a capacidade de interação e comunicação em diferentes meios culturais. Em busca de uma análise detalhada sobre as formas pela qual a oralidade pode ser desenvolvida e aprimorada na escola, visamos analisar o modo como ela pode ser inserida no meio educacional.

O objetivo geral dessa pesquisa é investigar como o desenvolvimento da Linguagem Oral pode ser trabalhado com crianças na educação infantil. Através dessa temática iremos fazer várias análises que são: analisar o desenvolvimento das interações verbais em sala de aula; avaliar como é realizado o trabalho da linguagem oral em classes compostas por crianças inseridas na educação infantil; observar o desenvolvimento dos alunos nas representações de atividades orais em situações complexas, como um progressivo processo de elaboração e observar a variedade de usos e ações de trabalhos, realizadas em sala de aula para o desenvolvimento da oralidade das crianças;

# **Capítulo 1**

## **Linguagem como Prática Social**

### **1.1. A Linguagem Oral e o Seu Desenvolvimento**

A linguagem oral se desenvolve através da interação das crianças com seus pares e com os adultos. Mas a depender do ambiente no qual a criança estiver inserida, essa característica pode incentivá-la a ampliar o seu vocabulário nesse processo. Esses aspectos podem ser trabalhados tanto no ambiente familiar como no ambiente escolar, ficando ao cargo do docente utilizar estratégias e metodologias que ajudem no desenvolvimento das habilidades linguísticas. Marcuschi (2010) afirma que:

a fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia-a-dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê. Mais do que a decorrência de uma disposição biogenética, o aprendizado e o uso de uma língua natural é uma forma de uma inserção cultural e de socialização. (p.18)

Os bebês, desde muito cedo, passam a emitir sons que servem de canal para a comunicação, com o mundo no qual eles estão inseridos. Essa comunicação seja ela com crianças maiores ou com os adultos, dá início a uma interação linguística, em que os adultos são os principais responsáveis pela construção da verbalização inicial dos bebês nesse processo, utilizando uma linguagem simples, com poucas palavras no início dessa trajetória. A criança, com o passar do tempo, se apropria dessa linguagem, gradativamente, fazendo tentativas de comunicação, até estabelecer um entendimento entre ela e o ouvinte. Percebemos que a linguagem produzida pelo homem estabelece uma relação histórica e social com o presente, transmitindo valores sociais que refletem as características reais de cada pessoa.

### **1.2. As Contribuições do RCNEI para a Linguagem Oral**

Para obter uma compreensão detalhada sobre os aspectos destinados a Educação Infantil, o Ministério da Educação publicou uma coleção de documentos intitulados Referenciais Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) com a finalidade de mostrar propostas para a renovação do ensino nas escolas brasileiras de educação infantil. De acordo com o RCNEI, o trabalho com a linguagem oral é considerado um processo natural, que ocorre através da maturação biológica, necessitando de ações educativas planejadas com a intenção

de favorecer essa aprendizagem. O Referencial mostra que o desenvolvimento da linguagem oral possibilita a comunicação de ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, influenciando o outro a estabelecer relações interpessoais. Essas relações são criadas de várias formas, através de rodas de conversas, diálogos, musicalidade e situações do cotidiano relatadas pelas crianças em sala de aula ou em casa.

Defende ainda que, a construção da linguagem oral não é linear, dependendo do processo de aproximações sucessivas com a fala do outro, seja ela do professor, pai, mãe, dos amigos ou aquelas ouvidas no rádio, na televisão entre outros. Nesses referenciais a proposta de trabalho com a linguagem oral, com crianças de 4 a 6 anos, correlaciona-se com as teorias sócio interacionistas da linguagem, uma vez que a construção da linguagem oral implica na verbalização e na negociação de sentidos estabelecidos entre as pessoas que buscam comunicar-se.

### **1.3. A Linguagem como Processo Dialógico Segundo: Bakhtin, Benjamin e Schneuwly.**

Para Bakhtin (apud Freitas, 1994), o diálogo é a forma clássica da comunicação verbal. Cada réplica, por mais segmentada/fragmentada e breve que seja, possui um acabamento específico que expressa a posição do falante, sendo possível responder e tomar, com relação a essa réplica, uma posição responsiva. Nesse contexto, a palavra não é apenas um meio de comunicação, ela é vista como conteúdo da atividade linguística e possibilita uma transmissão de informações de um emissor a um receptor; a linguagem é vista como um canal de interação humana onde o sujeito que fala se comunica com o ouvinte, constituindo mecanismos pré-existentes antes da fala.

Bakhtin (apud Freitas, 1994) prossegue nas suas críticas dizendo que a linguagem é inseparável do fluxo da comunicação verbal e, portanto, não é transmitida como um produto acabado, mas como algo que se constitui continuamente na corrente da comunicação verbal.

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar... Os sujeitos não “adquirem a língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência”. Bakhtin (apud Freitas, 1994, p.108).

Bakhtin (apud Souza, 2008) ressalta, ainda, que tudo o que é dito está situado fora da alma do falante e não pertence somente a ele. Nenhum falante é o primeiro a falar sobre o tópico de seu discurso. Nessa perspectiva, percebemos que a linguagem é de extrema importância na vida das pessoas, pois dependemos dela para estabelecermos comunicações e expressões diariamente.

Benjamin (apud Souza 2008) defende que “Ser sujeito é ter o direito de se colocar como autor das transformações sociais. Uma vez que a linguagem é o que caracteriza e marca o homem, trata-se de restaurar nas ciências humanas o seu valor como constituidora do sujeito e da própria realidade. É na linguagem, e por meio dela, que construímos a leitura da vida e da nossa própria história”. (p.18-19). Ou seja, através da linguagem e da comunicação que estabelecemos com as pessoas podemos afirmar que a troca de informações e de experiências uns para com os outros é de extrema importância para a ampliação do vocabulário tanto dos adultos como das crianças, estabelecendo, uma troca linguística de palavras e informações.

Nessa perspectiva, Schneuwly (2004) avalia a linguagem oral como uma mediação entre o aluno e a língua, através da comunicação realizada com professores ou colegas de classe. O oral aprendido então é aquele que prepara a escrita, permitindo que ela encontre ideias para a elaboração de uma formação linguística capaz de desenvolver a oralização daquilo que se é escrito. (p. 112).O desenvolvimento da oralidade na criança exprime claramente que a criança com autonomia, expressão e clareza no que pensa, tem muitas chances de exprimir bastante sua capacidade oral dentro e fora da sala de aula. Ela transmite essa segurança, pois utiliza mecanismo de ação e estratégias coerentes quanto ao uso da linguagem. A linguagem serve de meio para encorajar tanto crianças como adultos a demonstrar seus sentimentos e expressões.

Para Bakhtin (1999) a linguagem constitui o ser humano e é perpassada por valores sociais construídos historicamente. A visão baktiniana considera a linguagem como um produto finalizado que pode ser utilizado da mesma forma por todas as pessoas. Sua produção pode ser realizada através de diversas práticas sociais e em diversas situações, como em uma conversa informal com os amigos ou ao redigir uma carta por exemplo. Mikhail Bakhtin é considerado um filósofo da linguagem, que através dos estudos de Marx, buscou desenvolver sua teoria. Bakhtin tinha sua pesquisa voltada para a fala e a enunciação ligada às condições de comunicação, que geralmente estão relacionadas às estruturas sociais.

#### **1.4. Entre a Linguagem e a Fala: O Discurso**

A linguagem enquanto discurso baseia-se na interação, do homem com o meio social e está sempre vinculada com as condições de produção disponíveis. Brandão (2004) defende que:

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. (p.11)

A linguagem funciona como um elemento de intervenção utilizado entre o homem e sua realidade e busca desenvolver habilidades que possam ser trabalhadas e repassadas em sala de aula. Diante dessas inovações e baseados nas formas de comunicação e expressão, foi gerado um enfoque a ser assumido em uma nova tendência linguística que surge na década de 60.

À medida que o estudo da linguística foi sendo aprimorado, surgiram, alguns defensores que pensaram de maneiras distintas sobre a teoria do discurso: de um lado, surgiu o trabalho de Harris (*Discourse analysis*, 1952), que mostra a possibilidade de ultrapassar as análises confinadas meramente à frase, ao estender métodos da linguística distribucional americana aos enunciados (chamados discursos) e de outro lado, os trabalhos de Jakobson e Benveniste sobre a enunciação. Esses estudos mostram uma diferença de perspectiva que vai marcar uma postura teórica de uma análise do discurso de linha mais europeia, de outra mais americana. (BRANDÃO, 2004)

Segundo Brandão (2004), a obra de Harris é considerada o marco inicial da análise do discurso, sendo que ela se coloca ainda como simples extensão da linguística imanente na medida em que transfere e aplica procedimentos de análise de unidades da língua aos enunciados, situando-se fora das reflexões no que diz respeito ao significado e as considerações sócio históricas de produção que vão se destacar posteriormente como análise do discurso.

## **Capítulo 2**

### **Oralidade e Escrita no Contexto Escolar**

#### **2.1. O Ensino do Oral na Escola**

O Trabalho com a oralidade pode ser realizado de várias maneiras, levando em consideração que nessa fase deve ser ensinado de tudo um pouco. Os debates em sala de aula e as discussões em grupo contribuem para o desenvolvimento das atividades que envolvem a linguagem oral formal e informal. Um dos objetivos da escola é preparar os alunos para o exercício da cidadania, e, para isso, é primordial que esse exercício seja aprendido dentro da escola, para que seja exercido também fora dela. É a linguagem que possibilita ao homem sua participação na sociedade e “é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento” (PCN, BRASIL, 2001, p. 23).

Uma vez que a oralidade é um tema que deve estar presente na escola, quer seja no trabalho com os gêneros textuais, efetuado por professores e inserido no contexto dos alunos, quer seja em textos que vão dos mais simples ao mais complexo. Para ensinar um gênero oral é necessário sabermos escolher e identificar os aspectos que podem e devem ser identificados como objetos de ensino. Schneuwly (2004), afirma que:

o papel da escola é, sobretudo o de instruir, mais do que o de educar, em vez de abordarmos os gêneros da vida privada cotidiana, é preciso que nos concentremos no ensino dos gêneros da comunicação pública formal.(p. 146)

Essa comunicação pública formal pode trabalhar a oralidade na escola não necessariamente seguindo as prescrições normativas (fonéticas, morfológicas e gramaticais), mas elaborando metodologias que utilizem as abordagens formais de uma maneira flexível e inovadora, realizando debates, entrevistas e discussões em busca de um aprendizado e desenvolvimento da oralidade entre as crianças em sala de aula.

É de grande importância motivar as crianças a dedicar-se a atividades lúdicas, que estejam voltadas a jogos de expressão oral, como narração de histórias já começadas, apresentação de trava-línguas, piadas e adivinhações, a partir de temáticas elaboradas de acordo com o planejamento da escola. Conduzir atividades de conversa sobre determinados temas, gerando comentários espontâneos é um ótimo exercício para uma exposição da oralidade auxiliando o aluno a compreender diferentes situações de interlocução.

A exposição oral em sala de aula faz uma ligação do aluno que se expõe ao público com os alunos aos quais ele se dirige, tornando a relação mais agradável, uma vez que através dessas relações o aluno consegue adquirir ou somar conhecimentos. Com isso, percebemos que a exposição do oral seja ela individual ou coletiva contribui positivamente para o desenvolvimento da oralidade tanto na escola como na vida social de cada indivíduo.

## **2.2. A Diferença do Trabalho com a Oralidade e com a Escrita.**

O trabalho linguístico pode ser realizado tanto com a linguagem escrita como com a linguagem oral. Isso depende da forma como esse procedimento é trabalhado e estruturado. Contudo, podemos analisar diferenças entre as sequências destinadas ao trabalho com gêneros orais ou escritos. De acordo com Schneuwly (2004), existem três diferenças importantes entre os dois gêneros, porém todas decorrem da materialidade do objetivo oral e escrito, sendo que o primeiro desaparece com o tempo já o segundo permanece. Analisaremos a primeira diferença entre esses gêneros que é a possibilidade de revisão.

Na atividade escrita, o processo de produção e o produto final são normalmente separados, ou seja, a estruturação da sequência didática pode ser retrabalhada e reescrita após a primeira produção, pois são produtos com resultados concretos. Já na reprodução do texto oral a análise é feita de forma diferente. A palavra pronunciada é dita de uma vez. A forma de produção e o resultado constituem um todo. O comportamento deve ser realizado durante a produção do conhecimento, o que somente é possível até certa medida.

A escrita deve ser corrigida no final após a elaboração de textos provisórios até estabelecer um texto definitivo. Já a fala é corrigida antecipadamente, numa relação, cujas ações o aluno deve aprender e dominar em algumas situações. De fato a linguagem escrita apresenta uma estrutura permanente, porém a oralidade tem um caráter significativo uma vez que ela pode ser observável quando é estabelecido o procedimento de gravação. Este transforma a fala num elemento, onde tanto o produtor como o ouvinte podem escutar novamente o objeto analisado e assim formular hipóteses a se examinar, e previamente transcritas. Uma vez que o oral transparece as emoções, se tornando mais espontâneo que o escrito.

### 2.3. Tipo Textual x Gênero Textual

A oralidade é uma variante linguística que pode ser trabalhada com vários tipos de gêneros textuais, desde uma simples roda de conversa até um trabalho mais elaborado com jornais ou televisão. Isso porque está mais que comprovado que a televisão é um meio de trabalho que contribui bastante para o desenvolvimento da oralidade.

Os gêneros textuais estão diretamente vinculados à vida social e cultural das pessoas, contribuindo para firmar e ordenar as atividades comunicativas do cotidiano. É evidente que os gêneros textuais se desenvolvem mediante a situação na qual eles se integram e se desenvolvem, caracterizando-se por suas funções cognitivas, institucionais e comunicativas.

Segundo Marcuschi (2010), os gêneros são de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócios pragmáticos caracterizados como prática sócio discursivas. Ressalta ainda que os gêneros são inúmeros em diversidade de formas, obtêm denominações nem sempre unívocas e assim como surgem podem desaparecer. Percebemos que existe uma variedade de gêneros textuais, que podemos explorar e trabalhar baseando-se em vários meios de comunicação que servirão para a compreensão linguística posteriormente.

A escola com o intuito de ensinar os alunos a escrever, a ler e a falar, sempre trabalhou com os gêneros textuais. Mas, atualmente, o gênero não é mais utilizado somente como um meio de comunicação, ele é utilizado também como objeto de ensino-aprendizagem.

Marcuschi (2010) aborda o tema “gêneros textuais” e observa que já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como necessidades e atividades socioculturais e com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

O autor estabelece uma relação entre os PCN's (*op,cit*) e os gêneros textuais no ensino, ao afirmar que, tendo em vista que todos os textos se manifestam sempre num ou noutro gênero textual, um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é importante tanto para a produção como para a compreensão. Em certo sentido, é esta a ideia

básica que se acha no centro dos PCN's, quando o trabalho com o texto deve ser feito com base nos gêneros, sejam eles orais ou escritos.

Os gêneros textuais são tipos de textos que podem ser literários ou não. São textos utilizados em nosso dia-a-dia, exercendo uma função social, pois estabelece uma relação com nossa linguagem na sociedade. São textos que auxiliam no desenvolvimento tanto da oralidade como da escrita. Existem vários tipos de gêneros textuais, dentre eles podemos citar: romance, carta, bilhete, receita, outdoor, bate-papo por computador, aulas virtuais, cardápio de restaurante entre outros.

## **Capítulo 3**

### **Sobre a Pesquisa**

#### **3.1. Procedimentos metodológicos**

O processo investigativo a cerca da contribuição da oralidade será desenvolvido no contexto da sala de aula através da pesquisa bibliográfica e da pesquisa exploratória. A pesquisa exploratória, segundo Gil (2002), tem como objetivo tornar o problema mais explícito abrindo perspectivas para sua retomada num plano mais profundo em etapas posteriores.

A pesquisa baseia-se na abordagem qualitativa, na modalidade estudo de caso, sem intervenção, buscando a interação do pesquisador com a realidade estudada, visando conhecê-la melhor a partir da vivência direta estabelecida. Chizzotti (2006), afirma que:

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os dignificados vivíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível. Após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa. (p.28-29)

A metodologia de pesquisa adotada para essa investigação foi a qualitativa porque “[...] envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”. (LÜDKE e ANDRÉ, 2012, p. 13). No desenvolvimento da análise iremos utilizar instrumentos e técnicas de coleta de dados que visam trabalhar vários aspectos através da observação, entrevista e questionário.

Após a etapa de observação serão feitas as entrevistas com professores da instituição de ensino, com o intuito de por meio do interrogatório dos informantes analisar como eles trabalham com a oralidade em sala de aula e qual a importância da mesma no desenvolvimento linguístico das crianças. Nessa perspectiva Ludke e André (2012) afirmam que:

Tanto quanto a entrevista, a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional. Usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. Em primeiro lugar, a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno. (P. 26)

A análise das entrevistas será feita de forma qualitativa, serão analisados os conteúdos das respostas dadas pelo sujeito investigado; organizados os conteúdos semelhantes,

complementares e contraditórios presentes nas falas dos entrevistados, para que as informações dadas possam ser interpretadas e codificadas.

A terceira etapa da pesquisa será a aplicação dos questionários aos educadores no intuito de obtermos respostas mais precisas, possibilitando medir os dados necessários ao problema investigado e tem como objetivo o conhecimento de opiniões, expectativas e situações vivenciadas pelos profissionais de educação. Através da pesquisa, o trabalho possibilitará um contato pessoal entre o pesquisador com o fenômeno estudado.

### **3.2.A Perspectiva Teórica Francesa**

A linguagem deve ser analisada em vários aspectos, não somente em relação a sua formação linguística, mas também enquanto formação ideológica. A análise do discurso (que abreviamos AD) vem se destacando nos últimos anos através da proliferação dos usos da expressão “análise do discurso”. Ela busca definir seu meio de atuação, a fim de conseguir chegar a sua especialidade.

Foucault (apud BRANDÃO, 2004) concebe os discursos como uma dispersão, isto é, como sendo formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade. Cabe à análise do discurso descrever essa dispersão, buscando o estabelecimento de regras capazes de reger a formação dos discursos.

Para Maingueneau (apud BRANDÃO, 2004), a chamada “escola francesa de análise do discurso” filia-se a uma tradição intelectual europeia (e, sobretudo da França), acostumada a unir reflexão sobre texto e sobre história. Nos anos 60, sob a égide do estruturalismo, a conjuntura intelectual francesa propiciou, em torno de uma reflexão sobre a “escritura”, uma articulação entre a linguística, o marxismo e psicanálise. A AD nasceu tendo como base a interdisciplinaridade, pois ela era preocupação não só de linguistas como de historiadores e de alguns psicólogos. (p.16)

A AD é voltada para os sentidos do discurso, visando às condições ideológicas e de produção, de modo que, a posição dos sujeitos envolvidos bem como a enunciação das palavras tenha um sentido específico. Dessa forma, a linguagem passa a ser um fenômeno que deve ser estudado não só em relação ao seu sistema interno, enquanto formação linguística a exigir de seus usuários uma competência específica, mas também enquanto formação ideológica. (BRANDÃO, 2004). Com isso, percebemos que a AD não considera o sujeito como individualizado. Para ela, o sujeito é analisado pelo seu caráter social e ideológico. Uma

vez que, o sujeito através do seu discurso une-se às demais vozes sociais em busca de um processo amplo e satisfatório.

Nessa pesquisa, os sujeitos envolvidos são os alunos e professores que estão inseridos em uma instituição escolar. Esse grupo estudado remete o resultado do meio ao qual eles fazem parte e pelo que o meio ao qual estão inseridos compreende de suas ações na sociedade. Por isso, é importante que o professor seja dinâmico e criativo, pois por meio do seu discurso, ele irá criar possibilidade de produção e contribuir para formação oral e discursiva.

### **3.3. O PERCURSO: a rede de ensino, a escola e a sala de aula.**

A pesquisa de campo foi realizada em Abril de 2013, em duas salas de aula de Educação Infantil, uma de 2º ano e outra de 3º ano, em um colégio da rede particular de ensino, situado nesta capital. Antes de iniciar a pesquisa, fiz uma solicitação informal ao coordenador do Curso de Pedagogia para que ele pudesse conversar com a coordenadora da educação infantil do colégio pesquisado, que aceitou meu projeto e me recebeu para que eu pudesse executar o trabalho.

Busquei observar duas series distintas com o objetivo de avaliar o desenvolvimento linguístico das crianças. Nessa perspectiva decidi analisar a linguagem das crianças com a faixa etária entre 4 e 5 anos. Ambas as turmas tinham 16 alunos, composta em sua maioria, por meninos. Essas turmas eram regidas por duas professoras que vou chamar de professora A e professora B.

As salas de aula eram bem arejadas, suas paredes do meio para baixo eram azulejadas e cobertas por vários desenhos. As cadeiras dos alunos estavam sempre limpas e em bom estado de conservação. As salas eram decoradas com temas específicos bem como havia banheiros em cada uma delas.

Na turma da professora A as janelas das salas eram decoradas com cortinas de T.N.T azuis, com temática do desenho animado Smilinguido na sala toda, inclusive no banheiro.

Na entrada da sala havia um quadro decorado com o alfabeto em emborrachado onde as letras estavam coladas em cima de folhas feitas com o mesmo material. Nas paredes da sala tinha uma chamadinha das crianças, gibiteca e um cartaz para a eleição do ajudante do dia. Abaixo do quadro havia um espaço parecido com uma estante que era embutida na parede, onde eram armazenados jogos e atividades para serem realizadas com as crianças.

Já na turma da professora B, a sala possuía a mesma estrutura, mas a decoração foi realizada de forma diferente. O tema era o mundo encantado das letras e a sala estava

decorada com fadas e varias imagens ao redor do quadro onde o mesmo era decorado com um painel do alfabeto feito em letra de forma no computador. No lado direito da sala, abaixo da janela, havia um espaço embutido na parede onde eram colocados os jogos, gibis e livros utilizados pelas crianças nas atividades recreativas.

Em ambas as salas os trabalhos dos alunos eram expostos na parede lateral. As salas possuíam um armário vertical onde as professoras guardavam os materiais utilizados pelas crianças nas aulas, como lápis, borracha, massinhas de modelar, atividades em folhas de ofício, cadernos e pastas com elásticos com o nome de cada aluno. Em cima desse móvel ficavam bandejas com o copo de cada criança.

### **3.3.1. Análise das entrevistas realizadas com as professoras**

Professora A

A professora A, é graduada em Pedagogia e trabalha 25 horas semanais na instituição observada. Está na escola há dois anos, lecionou em outra escola também de rede privada mais de 10 anos. Estava muito satisfeita com o trabalho que desenvolvia atualmente. Relatou que as crianças, apesar da idade, eram bastante comunicativas e interagem tanto com a professora e a auxiliar, como também entre elas, no que diz respeito à discussão de temas diversos trabalhados em sala.

Na sala de aula, as atividades desenvolvidas para a ampliação das habilidades discursivas eram: atividades de canto e escuta de músicas, brincadeiras e jogos eram bastante trabalhados e proporcionavam momentos de conversas e relatos entre as crianças e até mesmo com a própria professora.

Quando questionada de que forma a oralidade poderia contribuir na formação linguística das crianças, ela respondeu que a oralidade pode ser trabalhada de forma direta e decisiva, porém deve ser bem direcionada, buscar desenvolver o que elas já sabem e introduzir novos conhecimentos.

Sobre a forma que ela desenvolve as atividades de gêneros textuais em sala de aula, disse que os gêneros textuais, próprios da oralidade que mais trabalha em sala de aula são os contos clássicos, a construção coletiva de histórias, rimas, poesias e leitura visual.

Desenvolve o trabalho com a linguagem oral com base no planejamento que é realizado juntamente com a coordenação pedagógica, moldando as atividades ao seu modo de trabalhar com as crianças.

A respeito do desenvolvimento oral em sala de aula ela disse que o mesmo deve ser trabalhando de forma contínua através de metodologias e planejamentos realizados em conjunto com a coordenação da escola.

Sobre o trabalho de oralidade ser realizado com as crianças fora da sala de aula, mas no ambiente escolar ela disse que é possível que esse trabalho seja realizado mediante a utilização de estratégias e recursos pedagógicos, previamente planejados para que os objetivos possam ser alcançados.

Durante a observação a professora A trabalhou com as crianças a reconstrução da história João e Maria, que contribuiu bastante para o desenvolvimento oral das crianças que eram incentivadas a cantarem uma música de abertura e outra de encerramento da narrativa. As crianças adoravam e divertiam-se alegremente. Através dessa metodologia, pude observar a interação entre elas, a imaginação de cada uma diante das cenas comentadas e a ordem em que elas sabiam quando acontecia cada cena do livro. Isso porque a professora A havia levado as crianças à sala de vídeo da própria escola onde as mesmas assistiram a história, depois de ter lido o livro com a professora.

Essa junção entre análise áudio visual, utilizada pela docente, mostrou que através dessa perspectiva a oralidade pode ser trabalhada e desenvolvida de diversas maneiras, contribuindo para a formação sócio linguística das crianças.

#### Professora B

É graduada em Pedagogia e trabalha 40 horas semanais na instituição observada, no período integral. Nem todas as crianças ficavam no período integral, nessa turma ficavam apenas 6 crianças. Na sala durante o curto período de observação verificou-se poucas atividades realizadas por ela que desenvolvessem a oralidade das crianças.

Quando questionada de que forma a oralidade poderia contribuir na formação linguística das crianças, ela respondeu que pode contribuir de forma progressiva, dependendo do incentivo do profissional que atua na sala.

Quanto à forma de desenvolver as atividades de gêneros textuais em sala de aula, ela disse que desenvolve atividades como contos, rimas, poesias e histórias. A docente desenvolve a oralidade em sua prática docente seguindo os parâmetros estabelecidos pela instituição, sempre de forma contínua e objetiva, buscando o desenvolvimento linguístico das crianças.

Quando perguntei se ela achava importante o desenvolvimento da oralidade infantil em sala de aula, ela disse que era fundamental, principalmente nessa fase onde as crianças estão comunicando-se e trocando informações umas com as outras. Ela informou, ainda, que através de um planejamento específico voltado para esse desenvolvimento é possível que seja trabalhado a oralidade dentro e fora da sala de aula, com atividades que despertam o interesse e a curiosidade das crianças para desempenhar ações viabilizando a ampliação da linguagem oral.

Nas poucas vezes que presenciei a narração das histórias, a professora B estimulava as crianças, quando elas encontravam-se mais tranquilas instigando as mesmas a participarem das conversas em busca de ideias para confecção de materiais que seriam utilizados na feira literária da própria instituição.

Foram realizadas poucas atividades relacionadas a oralidade das crianças no período em que observei. A professora contou uma história na qual as crianças interagiram e depois fizeram a construção de um painel.

Foi observado que devido à grande demanda de atividades, agendas e outros afazeres que surgem no decorrer da aula, além de lecionar dar atenção as crianças, algumas atividades como, por exemplo, rodas de conversa e narração de histórias são realizadas em apenas alguns minutos antes do término da aula, onde a maioria das interações são realizadas dentro da sala.

Portanto, apesar do curto período de observação verificou-se de que forma as atividades são desenvolvidas, qual a postura da professora diante das expressões verbais das crianças, bem como a concepção da professora diante da importância do desenvolvimento linguístico das crianças.

### **3.3.2 Análise das relações dialógicas**

#### **Roda de Conversa 1- História de João e Maria**

Não foram planejadas aulas específicas com o objetivo de trabalhar a oralidade, mas observei as aulas em que a oralidade desencadeava trabalhos voltados para a interação verbal tanto das crianças entre si quanto com a professora. Analisaremos então, como esta oralidade desenvolveu-se mediante a interação das crianças com a professora A, na construção do livro didático a partir da história João e Maria.

Profª A: Hoje vamos contar a história de João e Maria.

C.1: Eu sei contar a história de João e Maria.

Profª A : Muito bem C.1, vamos escrever através do que vocês sabem sobre a história após assistirem o “filmezinho”.

Profª A : Vamos? João e Maria moravam com...

C.3: Com os pais na floresta.

Profª A: Como era a casa de João e Maria? Lá tinha muita comida?

Crianças: Não. A casa deles era bem pobrezinha.

Profª A: Então um dia João e Maria decidiram fazer o que?

C.2. Ir na floresta para encontrar comida.

Profª A: Isso, mas para não se perder eles fizeram o quê?

C.1: Trilhinha de pão.

Profª A: Uma trilha né? Um caminho, C.6, venha fazer o caminho.

Profª A: Só que quando eles colocaram as migalhinhas de pão no caminho, eles não perceberam quem vinha atrás comendo. Quem eram?

Crianças: Os pássaros.

Profª A: Os pássaros, os pássaros comeram todas as migalhinhas e eles ficaram como?

C.7: Perdidos sem saber o caminho.

Profª A: Muito bem C7. Eles ficaram tristes porque não sabiam o caminho de volta para casa. Agora C.7 venha desenhar os pássaros comendo as migalhinhas de pão.

Profª A: Mas na floresta João teve uma Grande ideia qual foi?

C.8: Subir na árvore para procurar uma casa para dormir.

Profª A: Isso mesmo, João esperto, subiu na árvore e encontrou uma casa cheia de que?

Crianças: De balas, jujubas, chocolates, pirulitos...

Profª A: Depois que ele encontrou essa casa, eles encontraram mais alguém.

Crianças: Eles viram a bruxa.

Profª A: Ah eles viram a Bruxa. Mas ela disse para eles que era bruxa?

Crianças: Não. Ela enganou.

Profª A: Hum ela enganou as crianças para conseguir levar elas para sua casa num foi?

Crianças: Foi.

Profª A: E as crianças foram pra casa da velhinha?

Crianças: Foi e quando chegou lá ela prendeu eles.

Profª A: Isso mesmo.

P.A: E a bruxa fez o que? Depois que prendeu João e Maria?

C.9: Prendeu ele e botou Maria pra cozinhar.

Profª A: Mas a bruxa prendeu João para o que?

Crianças: Para comer.

Profª A: Para comer João né, e então todo dia ela pedia para que ele colocasse o dedinho para fora da gaiola pra vê se ele estava gor...? C.9, venha desenhar a gaiola e João preso nela e C.10 venha desenhar a bruxa prendendo João.

Crianças: Gordinho.

Profª A: Isso mesmo, mas Maria teve uma Grande ideia, que foi o que?

C.1: Ela pediu para João mostrar só o dedo magrinho.

Profª A: Isso o dedo mindinho. E ele fez como combinado. Venha C.1, desenhar João estava mostrando o dedo para a bruxa.

Profª A: Mas o que as crianças fizeram para sair da casa da bruxa?

C.6: Maria pegou a chave da bruxa quando ela tava dormindo.

Profª A: C6 desenhe aqui a bruxa dormindo com as chaves.

Profª A: Ah... certo dia Maria havia percebido que a bruxa estava dormindo e sem sequer esperar conseguiu pegar a chave da bruxa e fugiu levando a vassoura da bruxa num foi isso?

Crianças: isso...

Profª A: E o que aconteceu com a bruxa?

Crianças: Ela ficou boazinha...

C.3: Por que Maria e João acabou com o feitiço.

Profª A: Ah isso mesmo C.3, Maria e João conseguiram acabar com o feitiço por que levaram a vassoura da bruxa, que havia enfeitado a coitadinha. Venha C.3. desenhar a vassoura da bruxa e C.4 desenhar João e Maria.

Profª A: E eles conseguiram chegar a casa?

Crianças: Siiim!

Profª A: E então eles reencontraram-se com seus pais e viveram felizes para sempre.

A transcrição acima, nos mostra que, a professora mantém uma relação harmoniosa com as crianças no que diz respeito à interação do discurso trabalhado em sala. É importante que o educador considere o posicionamento das crianças, pois como defende Orlandi (2010, p. 26) a análise do discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. A Análise do Discurso não

estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender. Assim, no contexto do evento analisado, a palavra resulta do trabalho desenvolvido pela professora que ocupa o lugar de quem ensina e sua palavra dirige-se às crianças que ocupam o lugar de quem aprende diante das interações realizadas.

Apesar de a professora controlar a produção de sentidos, as crianças conseguiram construir suas próprias concepções sobre a história trabalhada. Através dessa concepção entre a linguagem e a leitura conseguimos analisar o trabalho pedagógico como uma prática contínua e estática, onde a criança torna-se um participante ativo na interação verbal mediante a construção de textos.

De acordo com Brandão (2004), essa interpelação ideológica faz com que cada um ocupe o seu lugar num determinado espaço, mesmo que seja inconscientemente. Nesse caso a professora soube trabalhar com as crianças a questão da interação verbal diante de uma história já inventada. Onde as mesmas passaram por um processo de análise visual para depois desenvolverem uma análise verbal juntamente com a escrita. Todavia, é primordial que se faça um apanhado geral sobre as formas de desenvolver a oralidade mediante a idade e perfil de cada turma para que se possa ter um aproveitamento satisfatório na conclusão das atividades.

### **Roda de conversa 2- Monteiro Lobato**

A outra roda de conversa que apresenta aspectos interessantes para serem destacados neste trabalho ocorreu na turma de crianças de cinco anos de idade. Na roda, a professora B inicia a conversa com as crianças falando da importância da semana literária, destacando o autor brasileiro que escreveu vários livros infantis que é o autor Monteiro Lobato. Esse tema era referente a um projeto que a escola desenvolvia, anualmente, no dia do livro infantil. A professora retirou do armário uma foto de Monteiro Lobato num tamanho de uma folha A4, bem colorida e começou a andar na sala buscando chamar a atenção das crianças para desenvolver sua dinâmica. Segue trechos do evento mencionado:

Profª B: Quem conhece esse rapaz aqui da foto?

Profª B: Ele criou a Emília, Narizinho, Saci...

C1: Dona Benta.

Profª B: Isso! Ele é o autor de qual sítio?

C2: Pica Pau Amarelo.

Profª B: Ele criou mais algum personagem?

C3: Tia, o visconde.

C2: O visconde de Sabugoza.

Profª B: Muito bem. Ele foi muito importante para a literatura brasileira.

Profª B: E quem aqui gosta de ler?

Crianças: Euuuuu.

Profª B: A leitura é muito importante para vocês.

Profª B: Agora vamos continuar a atividade de matemática para depois darmos início a construção do cenário para a feira literária.

As crianças apresentaram respostas que vão ao encontro do discurso instituído pela professora em relação ao tema abordado diante do planejamento semanal da escola. Isso significa que elas mencionaram respostas relacionadas ou que elas ouviram e aprenderam durante o período de trabalho da escola relacionado ao tema.

Percebemos que as interlocuções estabelecidas pelas crianças também são veiculadas no discurso Pedagógico, conforme foi possível observar a interação das mesmas com o assunto abordado pela Professora. Assim, a primeira coisa a se observar é que a Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 2010, p.15-16). Uma vez que os aspectos ideológicos da palavra estão ligados aos fatores socioculturais de cada indivíduo e desenvolvem a formação ideológica e linguística dos sujeitos.

Notamos que a professoras e coloca diante das respostas das crianças para reforçar as respostas das mesmas, incentivando os acertos. Vemos ainda que a mesma interage com as crianças colocando-se como ouvinte. Contudo, percebemos que é no fluxo da interação verbal que palavra se concretiza como signo ideológico, que se transforma e ganha diferentes significados, de acordo com o contexto em que ela surge. Cada época e cada grupo social tem seu repertório de formas de discurso que funciona como um espelho que reflete e refrata o cotidiano. A palavra é a revelação de um espaço no qual os valores fundamentais de uma dada sociedade se explicitam e se confrontam. (CARDOSO, 2005, p.25).

### 3.3.3. Análise dos questionários aplicados

Os questionários utilizados como eventos para a análise de dados foram fundamentados na concepção bakhtiniana, que considera o entendimento da língua como manifestação da realidade através de ações e atividades, bem como a forma de desenvolver a oralidade nas turmas de educação infantil, seguindo parâmetros de outros autores como Schneuwly (2011), Brandão (2004) e Marcuschi (2010). As questões que apresentaremos, ocorreram nas salas de aula onde a pesquisa foi realizada, sendo produzidas por professoras e estagiárias que lecionavam e auxiliavam respectivamente nas turmas pesquisadas. De acordo com o objetivo da pesquisa, fizemos um levantamento das questões levantadas a fim de identificar aquelas em que havia por parte das regentes das turmas a intenção de enquadrar o trabalho da linguagem oral na educação infantil.

Tabela 1. Análise em relação à oralidade e o seu desenvolvimento na sociedade.

	<b>Quantidade</b>	<b>%</b>
A linguagem Oral se dá através da interação.	0	0
A oralidade pode ser trabalhada tanto no ambiente familiar como no ambiente escolar.	3	75
A construção da linguagem Oral depende do processo de aproximações com a fala.	1	25

Fonte: De própria autoria, em Abril de 2013.

De acordo com a tabela 1, um total de 75% das respostas está condizendo com a questão pesquisada, uma vez que o item que enfatiza o desenvolvimento oral relacionado com a sociedade é o segundo. Isso decorre das situações vivenciadas no cotidiano, em que as relações discursivas devem ser consideradas importantes tanto no ambiente familiar como no ambiente escolar. Para Bakhtin (1999) o papel do outro em sua atitude responsiva é fundamental ao longo de toda vida, pois toda a comunicação se faz na interação. Para ele, é impossível pensar a palavra senão na interação.

No entanto as palavras podem ter vários significados que são aceitos e compartilhados por todas as pessoas de uma dada língua, porém não são transparentes, pois não possuem o mesmo sentido para todos os falantes. Nessa perspectiva Bakhtin (1999) defende que “a linguagem é produto da interação de sujeitos históricos, portanto, todo discurso é interdiscursivo atravessado por outras vozes”. Portanto, esse conhecimento é essencial para

que o professor avalie sua atitude responsiva, no que diz respeito às condições precisas à comunicação das crianças.

Tabela 2. Análise dos Gêneros que mais são trabalhados em sala de aula seguindo a ordem de prioridade de 1 a 5.

	<b>Quantidade</b>	<b>%</b>
1. Rodas de conversa	4	100
2. Contos	2	50
3. Narração de histórias já começadas	2	50
4. Adivinhações	4	100
5. Piadas	4	100

Fonte: De própria autoria, em Abril de 2013.

Com base na tabela 2, observamos que foram analisados cinco itens, em ordem de prioridade pessoal, que cada docente trabalha em sala de aula. O item selecionado como a primeira forma de interação com as crianças para que possa trabalhar a oralidade foi a roda de conversa. Todas selecionaram esse item como o principal.

Já nos itens 2 e 3 houve divergências no que diz respeito à ordem das atividades questionadas. Parte das entrevistadas colocaram os contos como a segunda melhor forma de interação linguística para o bom desempenho das crianças e a outra parte das entrevistadas escolheram as narrações de história já começadas como a segunda melhor opção para se trabalhar a linguagem.

As adivinhações foi o penúltimo item a ser trabalhado em sala na opinião de todas as respondentes. E as piadas ficou como último item a se trabalhar nas turmas de educação infantil segundo as professoras, não é uma metodologia apropriada para a faixa etária do público analisado nessa pesquisa.

Schneuwly (2011, p. 116) afirma que: a escolha de um gênero depende da esfera comunicativa, das necessidades temáticas, dos interlocutores e da vontade do ator. Dito de outro modo: um locutor age linguisticamente numa situação que é caracterizada por vários parâmetros (lugar social, destinatário, tema, finalidade) e escolhe certo gênero que podemos evidentemente compreender como instrumento semiótico complexo que permite a comunicação, a ação de linguagem. Além disso, o conceito de gênero, tal como introduzido por Bakhtin, corresponde perfeitamente ao modelo de instrumento que acabamos de esboçar. Segundo esse autor, cada esfera comunicativa corresponde ao desenvolvimento de gêneros relativamente estáveis. Assim, em toda comunidade linguística, os textos produzidos se distribuem em gêneros reconhecidos como tais; gêneros que têm, em geral, nomes que

permitem designa-los, falar deles, avalia-los, e que regulam em grande parte o comportamento de linguagem.

É perceptível que o trabalho com os gêneros não são específicos, pois os mesmos são utilizados de diferentes formas por diversos profissionais. Porém cabe ao educador utilizar aspectos que introduzam as atividades discriminadas na tabela bem como outros tipos de gêneros a fim de suprir as necessidades linguísticas dos interlocutores.

Tabela 3. Análise da oralidade com os variados tipos de gêneros textuais.

	<b>Quantidade</b>	<b>%</b>
Trabalhos com narrativas e contos.	4	100
Utilização da televisão como método de exposição das expressões orais infantis.	2	50
Motivação das expressões Orais através de atividades lúdicas.	4	100

Fonte: De própria autoria, em Abril de 2013.

Na tabela 3, tanto os trabalhos com narrativas e contos quanto à motivação das expressões orais infantis através da ludicidade são metodologias formalizadas onde todas as respostas foram positivas quanto a esses quesitos. Tornam-se atividades padrão, porém flexíveis e surgem efeitos positivos, diante das respostas dos docentes no que diz respeito ao desenrolar das atividades. É visível, que apesar de vários estudos que comprovam os benefícios do uso da televisão como um meio áudio visual que contribui para a oralidade infantil existe pessoas que concordam com essa afirmação. Somente duas respondentes optaram pelo uso da televisão, as outras afirmaram que não utilizam.

Nesse quesito do questionário (Tabela 4) foram explanadas atividades que contribuem para oralidade e que são realizadas nas salas. Porém, o objetivo avaliativo foi justamente demarcar o item no qual não é perceptível o trabalho oral, onde todas as respostas foram iguais.

Na comunicação espontânea existem oscilações e diferenças no que diz respeito ao rendimento máximo dos gêneros. Isso decorre em uma sequência de situações que emergem gêneros voltados para a expressão oral como adivinhações e trava-línguas ou em aspectos no

qual a capacidade narrativa é desenvolvida de forma livre como, por exemplo, na contação de histórias ou recitação de poemas e poesias.

Tabela 4. Determina a atividade que não contribui para o desenvolvimento linguístico.

	Quantidade	%
Atividades no caderno	4	100%
Debates em sala de aula	0	0%
Recontar contos	0	0%
Recitar poemas e poesias	0	0%

Fonte: De própria autoria, em Abril de 2013.

Para Schneuwly (2011 p.175), os alunos geralmente dominam bem as formas cotidianas e o papel da escola é leva-los a ultrapassar as formas de produção oral cotidianas para os confrontar com outras formas mais institucionais, mediadas, parcialmente reguladas por restrições exteriores.

Tabela 5. Define os itens que mostra a visão bakhtiniana sobre a linguagem.

	Quantidade	%
A linguagem serve para demonstrar sentimentos e expressões.	3	75
Através da linguagem não existe troca de informações.	0	0
Pode ser realizada através de varias práticas como uma conversa ou no redigir de um texto.	4	100
A língua é responsável pela comunicação.	2	50

Fonte: De própria autoria, em Abril de 2013.

Nesse quesito do questionário (Tabela 5) pudemos analisar que somente três respondentes concordaram que a linguagem segundo Bakhtin (1999) serve para demonstrar

sentimentos e expressões. No segundo tópico todas elas desconcordaram que através da linguagem não existe troca e informação. Tendo em vista que a linguagem é o fator primordial para a troca de informações, as respondentes acertaram na escolha da resposta. No terceiro item todas as respostas foram iguais, as docentes concordaram que a linguagem pode ser realizada através de varias praticas como a conversa ou no redigir de um texto. Já no ultimo item houve uma divisão de opiniões. Duas participantes consideraram que a linguagem é separável da comunicação, enquanto as outras duas discordaram dessa afirmativa.

Para Bakhtin (1999) falante e ouvinte não interagem com a linguagem como se ela fosse um sistema abstrato de normas. Ao contrário, ela emerge em um contexto de produção concreto, multifacetado e contraditório; ligada ao contexto sócio histórico e ideológico. Portanto a linguagem jamais deve ser separada da comunicação e vice versa, pois para que exista uma comunicação concreta é necessária à interação da linguagem entre as pessoas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como comprovado nas análises sobre o trabalho com a linguagem oral na educação infantil, as rodas de conversa são o meio mais utilizado para dinamizar a reprodução dos conhecimentos e opiniões das crianças. Nas situações evidenciadas no decorrer das análises, percebemos que as crianças interagem com mais frequência nas ações voltadas para histórias e conversas, pois elas eram influenciadas a estabelecer comunicações verbais entre elas mesmas.

Deste modo, gravamos as interações com o objetivo de aprimorar e analisar a reprodução de sentidos e decodificações das crianças, tendo como base as atividades trabalhadas pelas professoras. Logo, as análises das rodas de conversas apresentadas neste trabalho apontaram que existem práticas que promovem a interlocução entre as crianças e a professora, conforme pudemos observar na história de “João e Maria” reconstruída pelos alunos e a professora. Porém, apesar de ter existido uma conversação entre a professora e as crianças da outra turma a respeito do autor Monteiro Lobato, a interação entre elas não foi tão construtiva, pois as práticas dialógicas não foram desenvolvidas de forma contínua.

Nesse sentido, o questionário realizado com as professoras contribuiu com informações sobre a compreensão que possuem do tema e de que forma se dá a sua aplicação. Considerando a atuação da professora A percebemos que ela faz uma relação entre os fatos e relatos através de ideias e opiniões das crianças no que diz respeito ao reconto. Enquanto que a professora B já havia criado uma condição para que as crianças seguissem em parte seu raciocínio no que diz respeito à forma como iria desenvolver a atividade de ordem formal e hierárquica.

O fato é que, apesar das professoras tentarem estabelecer algo mais didático e inovador ao desenvolver as interações verbais, a quantidade de atividades, agendas e conteúdos para serem aplicados no decorrer das aulas, prejudicaram bastante o desempenho dessas ações. No entanto, essas atividades deveriam ter um horário reservado diariamente dentro do planejamento escolar e não ser realizado somente para preencher um momento vago.

No que diz respeito às entrevistas, as pesquisadas responderam com base nas atividades que segundo as mesmas, eram realizadas no decorrer do ano. As atividades citadas por elas foram vistas nas exposições feitas em sala. Já a continuidade das atividades só poderia ser observada mediante um acompanhamento aprofundado e num período mais longo para que pudessem ter um apanhado geral específico e aprimorado.

É perceptível que as dificuldades por parte das professoras, de colocarem-se numa posição que possibilite a construção de gêneros e diálogos são constantes. No entanto, elas podem modificar esse quadro, buscando estratégias que dinamizem e priorizem a construção dessas atividades tornando-as acessíveis e fáceis de ser realizadas.

A literatura infantil estimula a imaginação tornando clara a emoção aos ouvintes. Portanto, é através do contato com livros, seja pela contação ou leitura, que as crianças podem comentar, indagar, opinar, duvidar ou discutir sobre a história diante dos significados que nela encontrou, desenvolvendo seu potencial linguístico, tornando-se um fator decisivo para o desenvolvimento da linguagem oral.

Entretanto, para que a criança expresse sua opinião, é necessário que o educador escute, dê atenção e busque compreender e valorizar sua participação, fazendo perguntas que ela seja capaz de responder, encorajando-a a falar sobre a história ouvida, escutando atentamente o que diz, em busca de um desenvolvimento coletivo.

Com base na discussão realizada anteriormente percebemos a importância da participação ativa das crianças sobre as possibilidades de interação verbal nos espaços escolares e não escolares. Ressalto a família como a peça chave para o desenvolvimento dessas interações, cuja responsabilidade é de estimular a linguagem das crianças desde o início. No que diz respeito ao lado pedagógico, é importante que seja destacado a utilização de uma prática pedagógica que mostre elementos contribuintes para o processo de aprendizagem linguística das crianças.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília (DF): MEC; 1998. v.3.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso/** Helena H. Nagamine Brandão. \_ 2ª Ed. Ver.\_ Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- CHIZZOTTI, Antônio\_ **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais/** Antônio Chizzotti \_ Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes 2006.
- CARDOSO, Sílvia helena Barbi\_ **Discurso e ensino/** Sílvia Helena Barbi Cardoso, \_2. Ed. 1.reimp. – Belo Horizonte: Autêntica/ FALE-UFMG, 2005.
- FREITAS, Maria Teresa A. **O Pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil /** Maria Teresa A. Freitas – Campinas, SP: Papirus, 1994. (Coleção magistério, formação e trabalho pedagógico).
- GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa/ Antônio Carlos Gil.-** 3. Ed.- São Paulo: Atlas, 1991
- LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas/** Menga Lüdke, Marli E.D.A. André.- [Reimpr.]. – São Paulo: E.P.U.,2012
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e Funcionalidade. In: Dionísio, Ângela Paiva, Machado, Anna Rachel, Bezerra, Maria auxiliadora (organizadoras). **Gêneros Textuais e Ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- ORLANDI, Eni P. **Análise De Discurso: princípios e procedimentos/** 9ª edição, Campinas, SP Pontes editores, 2010.
- SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In:DOLZ, Joaquim e colaboradores.**Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2004.
- SOUZA, Solange Jobin E. **Infância e Linguagem. Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. 11ª Edição, Solange Jobin e Souza. Editora Papirus.2008

## OUTRAS REFERÊNCIAS

**Aprender e ensinar com textos**/CHIAPPINI, Lígia coordenadora geral\_ 5. Ed.\_ São Paulo: Cortez, 2002.

FERREIRO, Emilia. **Psicogênese da língua escrita**. Emilia Ferreiro, Ana Teberosky; tradução Diana Myriam Liechtenstein, Liana Di Marco, Márcio Corso.\_\_\_ Porto Alegre: Artmed, 1999.

MARUNY, Curto Lluís\_ **Escrever e Ler**: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler/ Lluís Maruny Curto, Maribel Ministrál Morillo e Manuel Miralles Teixidó; trad. Ernani Rosa. —Porto Alegre: Artmed, 2000. V.1

## **APÊNDICE**

## Apêndice\_A

### Questionário de pesquisa para ser aplicado aos professores

1. Em relação a oralidade e o seu desenvolvimento no meio social, marque o item que contribui decisivamente para a ampliação dessas habilidades:
  - a) A linguagem oral se dá através da interação das crianças com seus pares e com os adultos.
  - b) A oralidade pode ser trabalhada tanto no ambiente familiar como no ambiente escolar, ficando a cargo dos docentes utilizarem estratégias e metodologias que ajudem a desenvolver essas competências.
  - c) A construção da linguagem oral depende do processo de aproximações sucessivas com a fala do outro, seja ela do professor, pai, mãe, amigos ou através dos meios de comunicação.
  
2. Com base na metodologia desenvolvida na escola, enumere de 1 a 5 por ordem de prioridade o que você considera mais importante para ser trabalhado em sala de aula.
  - ( ) Contos.
  - ( ) Rodas de Conversa.
  - ( ) Adivinhações.
  - ( ) Piadas.
  - ( ) Narração de histórias já começadas.
  
3. A oralidade é uma variante linguística que pode ser trabalhada com vários tipos de gêneros textuais. Com base nessa afirmação marque (V) para as alternativas **VERDADEIRAS** ou (F) para as alternativas **FALSAS**.
  - ( ) Os trabalhos com narrativas e contos, servem para influenciar o desenvolvimento da oralidade das crianças e posteriormente garantir a compreensão dos textos.
  - ( ) A televisão é um meio de trabalho que não contribui para o desenvolvimento da oralidade e das expressões nas crianças.

- ( ) Motivar as crianças a desenvolver atividades lúdicas, que estejam voltadas a jogos de expressão oral, como apresentação de trava-línguas, piadas e adivinhações contribui positivamente para a ampliação da linguagem oral.
4. São metodologias utilizadas para o desenvolvimento da oralidade em sala de aula, **EXCETO:**
- a) Debates em sala de aula sobre algum tema específico.
  - b) Atividade no caderno para casa.
  - c) Recontar contos.
  - d) Recitar poemas e poesias.
5. “A visão baktiniana considera a linguagem como um produto finalizado que pode ser utilizado da mesma forma por todas as pessoas.” Em relação a frase, julgue os itens em **VERDADEIROS (V)** ou **(F) FALSOS**.

- ( ) A linguagem serve para encorajar tanto para as crianças como os adultos a demonstrar seus sentimentos e expressões.
- ( ) Através da linguagem e da comunicação que estabelecemos com as pessoas, percebemos que não há uma troca de informações e de experiências uns com os outros é de extrema importância pra a ampliação do vocabulário.
- ( ) Sua produção pode ser realizada através de diversas práticas sociais e em diversas situações, como em uma conversa informal com os amigos ou ao redigir uma carta por exemplo.”
- ( ) A língua é separável do fluxo da comunicação verbal e por isso não pode ser transmitida como um produto acabado, mas como algo contínuo na comunicação verbal.

## **Apêndice\_ B**

### **Entrevista**

1. Possui pós graduação?
2. Há quanto tempo ensina nessa instituição?
3. A Oralidade pode contribuir na formação linguística das crianças?
4. Quais os gêneros textuais, próprios da oralidade que são frequentemente trabalhados em sala?
5. Como você desenvolve este trabalho em sua prática docente?
6. A Oralidade deve ser desenvolvida em sala de aula?
7. É possível trabalhar a Oralidade com crianças fora da sala de aula, mas no ambiente escolar?

## Apêndice\_ C

### Termo de Compromisso

Eu, Greice Kely Santos Silva, aluna do 8º período do curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus, realizarei entrevistas semiestruturadas e questionários com as professoras auxiliares do Colégio Amadeus. O objetivo deste estudo é analisar o trabalho da linguagem oral na educação infantil.

Estou consciente de que os depoimentos coletados nas entrevistas bem como os questionários, serão usados exclusivamente como material empírico para a Monografia, podendo vir a ser utilizados em trabalhos acadêmicos decorrentes da mesma.

Será resguardado o anonimato das participantes da pesquisa, usando-se pseudônimos para referir-se a eles na redação do(s) texto(s) relativos à pesquisa.

Todo o referido é verdade.

Aracaju, \_\_\_\_ de Abril de 2013.

---

Greice Kely Santos Silva(autora do projeto)

---

Profª Dra. Maria Auxiliadora Santos (orientadora do projeto)

## Apêndice\_D

### Termo de Consentimento (escola)

Eu, \_\_\_\_\_, Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil do Colégio Amadeus consinto na realização de um trabalho de monografia sobre o Trabalho da Linguagem Oral na Educação Infantil na referida instituição pela aluna Greice Kely Santos Silva do curso de pedagogia da Faculdade Amadeus.

Estou ciente de que os dados coletados nesse trabalho serão usados como material de discussão para a Monografia, podendo vir a ser utilizados em trabalhos acadêmicos decorrentes da mesma.

---

Coordenação Pedagógica

Aracaju, \_\_\_\_ de Abril de 2013

## Apêndice\_ E

### Termo de Aprovação das Entrevistas e Questionários

Eu, \_\_\_\_\_, professor (a) do Colégio Amadeus, li e concordo com a entrevista semiestruturada e questionários realizados comigo pela aluna Greice Kely Santos Silva do curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus.

Estou ciente de que os dados coletados nessas entrevistas serão utilizados como material de discussão para a monografia, podendo vir a ser utilizados em trabalhos acadêmicos decorrentes da mesma.

Concordo com o uso de um pseudônimo, no intuito de resguardar o anonimato dos participantes da pesquisa, para se fazer referência ao meu nome na redação do (s) texto (s) relativo(s) a mesma

---

Aracaju, \_\_\_\_\_ de Abril de 2013